

## OS VÍNCULOS ENTRE PAIS E FILHAS APÓS A SEPARAÇÃO CONJUGAL

*Eduarda Cristina Schmitt*

Psicóloga vinculada ao Núcleo de Mediação Familiar da Faculdade Meridional-IMED.  
E-mail: <eduardacs1001@gmail.com>.

*Luiz Ronaldo Freitas de Oliveira*

Psicólogo, professor e coordenador da Escola de Psicologia da Faculdade Meridional-IMED.  
Doutorando em psicologia clínica pela UNISINOS e membro do Núcleo de Mediação Familiar da Faculdade Meridional-IMED. E-mail: <ronaldo@imed.edu.br>.

*Claudia Mara Bosetto Cenci*

Psicóloga, professora da Escola de Psicologia da Faculdade Meridional-IMED.  
Doutoranda em Psicologia Clínica pela PUC/RS. E-mail: <claudia.cenci@imed.edu.br>.

### RESUMO

O presente trabalho descreve a história familiar entre pais e filhas em relação aos vínculos após a separação conjugal. O processo de separação é uma etapa difícil para todas as partes envolvidas e nem sempre os pais mantêm uma convivência saudável e adequada na educação dos filhas. Este estudo tem o objetivo de identificar, por meio da história familiar, as relações que contribuem para a manutenção saudável dos vínculos afetivos entre pais e filhas. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório que utilizará a estratégia do estudo de caso para analisar a vincularidade entre pais e filhas após o processo de separação conjugal. A literatura aponta uma escassez de estudos que tratem do tema e que indique alternativas de intervenção no que diz respeito à manutenção de vínculos saudáveis após a separação conjugal.

**Palavras-chave:** Vínculos, Separação Conjugal, Pais e Filhas.

O processo de separação é uma etapa conflitiva para as partes envolvidas. Nem sempre os pais mantêm uma convivência saudável e adequada na educação dos seus filhos. Partindo dessa constatação, o presente trabalho descreve a história familiar, entre pais e filhas, em relação aos vínculos após a separação conjugal. Tem por objetivo descrever os casos analisados, identificando as relações que contribuem para a manutenção saudável dos vínculos afetivos e identificando os que favorecem a superação e elaboração dos conflitos no contexto intrafamiliar.

Os conflitos, nas transições familiares, interferem no desenvolvimento da criança pequena. Nos casos de separação conjugal, quando não

tratado o fato pelos adultos com transparência e maturidade, poderá comprometer os vínculos familiares que favorecem e contribuem para o crescimento e maturidade emocional dos sujeitos envolvidos.

Este estudo procura descrever a constituição e manutenção dos vínculos estabelecidos entre os pais e suas filhas, no que diz respeito às informações sobre o processo de separação conjugal. Irá discutir o tema a partir das categorias "separação e divórcio", "parentalidade" e "vincularidade", utilizando a Teoria do Apego (John Bowlby) como suporte para compreender as questões de vincularidade e apego entre pais e filhos.

## SEPARAÇÃO E DIVÓRCIO

Com o desenvolvimento da população, da economia, e da sociedade, as configurações familiares foram se alterando. A busca pelos direitos da mulher e a igualdade entre os sexos contribuiu muito, trazendo grandes mudanças em toda a estrutura familiar. Assim, as pressões sociais e cobranças diárias e exageradas do modelo social em que vivemos acarretaram numerosos conflitos conjugais, o que proporcionou um aumento nos divórcios na atualidade (Sales, 2003).

O divórcio foi juridicamente regulamentado no Brasil no ano de 1977, mas mesmo assim ainda não era socialmente aceito (Cano, 2009). A partir desse momento, os padrões familiares começaram a sofrer grandes transformações, onde a instituição familiar foi alterando-se gradativamente (Ramires, 2013). A evolução no contexto familiar, da busca pela igualdade entre homens e mulheres, e as modificações tanto no âmbito familiar quanto no âmbito jurídico, fez com que novas concepções de família comesçassem a ser formadas, ampliando e modificando o conceito tradicional em vista do cuidado dos membros integrantes da família (Santos & Santos, 2008/2009).

Mediante transformações no núcleo familiar, no papel da mulher, e na busca de novos ideais para a constituição de novas famílias, é importante destacar que diversos arranjos familiares começaram a se constituir (Ramires & Falcke, 2013). A mulher conseguiu atingir o seu patamar na sociedade, alcançando os mesmos direitos que os homens, começando a assumir papéis de grande importância dentro da família, não sendo somente a cuidadora, mas também contribuindo financeiramente com o lar, e optando por ter menos filhos (Sales, 2003). Outro fator importante a ser destacado, (Santos & Santos, 2008/2009), e que faz parte desse processo de evolução, é o número de integrantes que constituíam a família nuclear na antiguidade. De acordo com autor, nos dias de hoje, as mulheres optam por ter menos filhos e formar uma família nuclear menor, já que a demanda de tarefas tem aumentado na atualidade. Sendo assim, as crianças passam a maior parte do tempo nas escolas, principal local que se tornou responsável pela educação dos filhos. A modificação em toda a estrutura familiar também alterou a comunicação entre pais e filhos, uma vez que muitos desses sistemas familiares hoje são formados por somente um dos genitores,

o que caracteriza uma família monoparental (Ramires e Falcke, 2013).

As mudanças na estruturação familiar trouxeram muitos conflitos, pois os padrões socialmente aceitos estão em grandes transformações, alterando todo o núcleo familiar, uma vez que as famílias começaram a se reorganizar mediante ao processo de separação conjugal (Sales, 2003). A maioria dos membros da família não estão devidamente preparados para o impacto que o processo de separação causa na organização psíquica do sujeito. Como atesta Cano (2009), os processos de divórcio impõem novos desafios e novas formas de reorganização familiar, tornando-se um momento de transição para todos os membros envolvidos, não terminando com a família que foi constituída, mas transformando o sistema.

O código civil dispõe no art. 3º da Lei 6.515/77: *a separação judicial põe termo aos deveres de coabitação, fidelidade recíproca e ao regime de bens, como se o casamento fosse dissolvido*. No entanto, o processo de separação não rompe com o casamento, mas sim a lei estabelece um tempo mínimo para que os cônjuges possam decidir sobre o que realmente desejam. E, quando consumado o ato, torna-se possível o direito das partes envolvidas realizarem novos casamentos. O divórcio (Ramires, 2004) é um processo que causa a quebra do núcleo familiar, afetando não somente a família nuclear, mas também trazendo grandes transtornos para a família extensa.

As gradativas modificações no conceito de família ampliam a noção de uma constituição exclusiva de pais e filhos, incluindo qualquer pessoa que ofereça condições básicas de desenvolvimento, cuidado e responsabilidade com o indivíduo, fornecendo o afeto necessário para um desenvolvimento saudável da criança e adolescente (Ramires & Falcke, 2013). Com base nestas modificações, nas instituições de leis que protegem e definem os direitos e deveres das famílias, a Constituição, em seu Art. 226, parágrafo 4º, define que entidade familiar é uma comunidade formada por qualquer pessoa por qualquer um dos pais e seus descendentes.

Cada vez mais as famílias monoparentais (Witzel, 2013) começam a ganhar espaço e visibilidade na sociedade. A família monoparental pode ser constituída por pais viúvos, pais solteiros que criam seus próprios filhos ou filhos adotados, mulheres que utilizam de técnicas de inseminação artificial e pais separados ou divorciados. A

autora ressalta ainda que também se constitui vínculo monoparental a entidade familiar chefiada por algum parente que não um dos genitores, como a avó, que cuida do neto, por exemplo.

A maior parte das famílias monoparentais é formada por mães solteiras ou divorciada, que tem o dever de zelar e fornecer cuidados para os filhos, além de sofrerem preconceito por parte da sociedade. As mães que ocupam o papel de chefes da família assumem árduas jornadas de trabalho para manter o sustento familiar, além de cuidar e manter o lar, tendo de dar conta das tarefas domésticas, dos cuidados e atenção com os filhos, e consigo mesma. Por outro lado, essa nova configuração familiar representa um avanço na constituição de vínculos, uma vez que não importa se essa família é constituída pelos membros nucleares (pai-mãe-irmãos), monoparentais, reconstituídas ou adotadas (Ramires & Falcke, 2013; Santos & Santos, 2008/2009).

## PARENTALIDADE

Com a dissolução da conjugalidade, crescem os questionamentos a respeito da parentalidade nos laços afetivos e familiares. Torna-se um assunto muito discutido pelo fato do papel do homem estar em constante mudança no âmbito familiar, pois a figura de provedor do sustento e de pouca afetividade, disciplinador, autoritário, vem perdendo espaço para um homem afetivo, compreensivo e atento com o lar (Dantas, Jablonski, & Féres-Carneiro, 2004). O homem exercitando a sua paternidade, cuidando dos filhos e buscando melhorar o seu vínculo com a família, está em processo de construção, uma vez que a figura masculina tem grandes dificuldades de expressar seus sentimentos e afetos.

A figura paterna de antigamente era representada por pais que pouco se envolviam afetivamente na criação de seus filhos e eram somente responsáveis pelo sustento da família, estabelecendo esse relacionamento de forma autoritária e distanciada (Souza, 2012). A vontade paterna vem sendo modificada na medida em que se envolve afetivamente com a criação dos filhos e procura uma modificação do modelo de criação (Dantas, Jablonski & Féres-Carneiro, 2004).

Durante a evolução da masculinidade na criação dos filhos, Souza (2012) apresenta três diferentes papéis assumidos pelos homens durante

essa transformação: o papel tradicional, onde o pai promove o sustento do lar, não se envolvendo afetivamente com a criação dos filhos, sendo somente o provedor; o papel de pai moderno, onde começa a se inserir ainda de forma tímida no processo de educação dos filhos, proporcionando desenvolvimento emocional, escolar e moral; e o papel atual, onde cada vez mais estão buscando estar presentes no ambiente escolar, participando de forma ativa e interativa para ensinar, promover e sustentar seus filhos, assumindo diversos papéis na sociedade, assim como as mulheres.

A separação dos pais torna-se um momento conturbado para as crianças e adolescentes, pois é durante esse processo que eles precisam encontrar uma forma de não perderem suas referências e ao mesmo tempo adequarem-se a novos modelos de vida. A maioria dos casais que estão em processo de separação não comunicam os filhos sobre o motivo da decisão, quem muitas vezes fica sabendo quando o pai já não está mais convivendo no ambiente familiar. Os sentimentos acarretados por essas mudanças drásticas podem ser comparados com o sentimento de abandono, quando não elaborado e explicado de forma clara os motivos da separação (Ramires, 2004).

É importante ressaltar que pais participantes e ativos na educação dos seus filhos ajudam no crescimento e estruturação saudável do filho, proporcionando valores e modelos de crescimento saudável, o que ajudará a criança a atingir a vida adulta mais feliz e estruturada (Benczik, 2011).

## VINCULARIDADE

A partir das preocupações entre os vínculos afetivos e como eles se constituem, Barstad (2013), baseado da Teoria do Apego, de John Bowlby (1997), busca explicar a importância da constituição dos vínculos afetivos com as crianças e como eles se tornam fundamentais durante toda a vida do indivíduo. A Teoria do Apego foi complementada por Mary Ainsworth (1991), que procurou entender como se constroem e se constituem os vínculos entre pais e filhos desde o nascimento e como os vínculos estabelecidos podem influenciar nas relações dos indivíduos durante a sua vida (Barstad, 2013). Podemos entender que a ideia principal da Teoria do Apego tem como relação às experiências dos indivíduos com seus cuidadores e, mais tarde, a sua aptidão para estabelecer laços afetivos.

Para entender melhor a Teoria do Apego, conforme Ramires e Schneider (2010) são necessários esclarecer três conceitos básicos: *o vínculo*, caracterizado por um laço duradouro que pode se constituir com um companheiro; *o apego*, caracterizado por ser uma disposição para buscar proximidade com o outro, procurando sempre estabelecer uma segurança com a figura de apego; e *o comportamento de apego*, que irá consistir em qualquer comportamento que busque manter proximidade com a figura de apego, ou seja, são comportamentos que podem ser observáveis, na forma de interação da criança com o seu cuidador, que busca demonstrar satisfação ou insatisfação diante de uma situação, como por exemplo, chorar, sorrir, chamar (Ainsworth, 1991; Ribas & Moura, 2004).

Desde o momento do nascimento, (Bowlby, 1997) a criança necessita de uma figura para a sua sobrevivência, que precisa ser sábia e forte para que possa suprir as suas necessidades e servir como elo para a exploração do mundo externo, além de estar sempre à disposição para acudir as suas necessidades de angústia e aflição, o que ele denomina de *figura de apego* (Barstad, 2013). Segundo Ribas & Moura (2004), as crianças precisam de uma figura que possa prover sustento, proteção, manutenção dos cuidados e que ofereça conforto e segurança.

O apego seguro irá depender da relação entre pais e filhos, bem como da capacidade da figura paterna em mostrar-se sensível para interagir com a criança, tanto nos seus momentos de medo e angústia, quanto nos seus momentos de descobertas e sorrisos. Assim, com o processo de separação conjugal, a criança nem sempre convive com a figura paterna, não conseguindo estabelecer uma base segura com essa figura de apego, ou nem mesmo convivendo com o pai, buscando então a figura materna como base segura para as descobertas. A ausência paterna nessa etapa da vida pode criar a noção de que a criança não é amada e nem querida pelo seu genitor, e cria-se futuramente uma ideia de autodesvalorização, o que irá prejudicar seu relacionamento com os demais e consigo mesma, tornando-se insegura (Ribas & Moura, 2004; Benczik, 2011).

Apesar do processo de separação conjugal, é importante ressaltar que se rompe a conjugalidade e não a parentalidade e os vínculos (Benczik, 2011). Torna-se necessário a relação entre pais e

filhos e principalmente uma vincularidade saudável e segura. Bowlby (1997) destaca que é de extrema seriedade que a figura paterna forneça uma base segura para as crianças e adolescentes, para que possam explorar o mundo exterior e saber que existe uma figura de apego segura, caso desejarem retornar, sentindo-se ameaçadas diante de algumas situações ou ambientes (Benczik, 2011). As crianças precisam do referencial paterno e materno para se sentir nutridas, amadas confortáveis e encorajadas para as futuras descobertas.

A confiança para com a figura de apego torna-se essencial, porque estimula, encoraja e cria a autoconfiança na criança, deixando-as seguras para interagir com o ambiente ao seu redor e com os membros que integram a família (Ribas & Moura, 2004). Assim, as figuras de apego são estabelecidas de forma hierárquica, pois existe uma referência, que dará todo o suporte necessário e em qualquer momento para a criança e as figuras secundárias, o qual será organizado pela criança para suprir a suas necessidades conforme o ambiente e o momento, o que garante a sua sobrevivência (Barstad, 2013). A sensibilidade e responsabilidade é uma das primeiras características da figura de apego, fundamental para a qualidade do vínculo estabelecido, o que mais tarde poderá ser observado na qualidade de apego das crianças (Ribas & Moura, 2004).

Por meio da figura de apego as crianças criam e constroem seus modelos internos de funcionamento, estabelecendo um modelo representacional de si mesmas, conforme os cuidados que recebeu (Dalbem & Dell Aglio, 2005). Conforme as autoras, os modelos internalizados e o sentimento de segurança perante a figura paterna permitirá que a criança possa acreditar em si mesma e explorar o mundo e as relações com o outro à medida que se torna independente.

Atualmente um dos maiores problemas na educação das crianças é a ausência da figura paterna e a fragilidade nos vínculos entre pais e filhos após a separação conjugal. Os filhos necessitam de leis, regras e exemplos que cabem ao pai transmitir aos filhos, e quando essa figura não está presente, o sentimento de abandono e vazio precisa ser preenchido. Assim, crianças e adolescentes passam a buscar outros modelos que nem sempre são saudáveis para o seu desenvolvimento (Ribas & Moura, 2004; Dalbem & Dell Aglio, 2005).

Portanto, após a separação conjugal, os pais normalmente se afastam dos filhos, fragilizando



os vínculos. O pai que era a sua fonte de informações e a base segura para o desenvolvimento da criança, não fornece de forma constante o apoio necessário para que o mesmo explore e descubra o mundo (Barstad, 2013). Trata-se de uma experiência traumática para a criança, pois ela perde suas referências e a base segura, tendo que se adaptar de forma rápida para garantir a sua sobrevivência, escolhendo outra figura de apego que lhe ajude a lidar com as frustrações (Dalbem & Dell Aglio, 2005).

## MÉTODO

Foi realizado um estudo qualitativo-exploratório baseado no procedimento de estudo de casos múltiplos (Yin, 2005). Os participantes foram pais e filhas escolhidos aleatoriamente e que correspondiam ao critério de inclusão da pesquisa. Foram entrevistadas crianças com idades entre 5 a 12 anos, filhas de pais separados com idade entre 25 a 50 anos.

Os casos selecionados aleatoriamente foram informados previamente da pesquisa e, concordando em participar, assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. As entrevistas visavam a vincularidade entre pais e filhas, sendo gravadas e transcritas para categorização e análise.

Utilizou-se o método de proposições teóricas de Yin (2005), percorrendo os seguintes passos: 1) descrição abrangente do caso, sintetizando a história familiar, em relação aos vínculos; 2) construção da explanação, identificando as relações que contribuíram para manutenção dos vínculos familiares, analisando-as à luz do referencial teórico que fundamenta o tema; 3) síntese de casos cruzados, analisando convergências e divergências entre os casos, de forma a identificar os vínculos familiares que favoreçam a elaboração e superação dos conflitos e aqueles que não favorecem.

O estudo foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade Meridional - IMED, instituição à qual se vinculam os pesquisadores, tendo sido aprovado (CAAE 04233112.9.0000.5319). Todos os cuidados para assegurar o bem estar dos participantes foram observados pelos pesquisadores.

## APRESENTAÇÃO DOS CASOS

As características principais dos três casos da pesquisa serão apresentadas nas descrições seguintes.

### CASO 1

Pai: Laio; Filha: Jocasta

Laio, 34 anos, ensino fundamental incompleto, desempregado, separado da mãe de Jocasta há um ano e meio, mora sozinho. Conheceu a ex-mulher aos 21 anos de idade e, após alguns anos de convívio, passaram morar juntos. Quando tinha 29 anos, nasceu sua primeira filha Jocasta e, dois anos depois, nasceu o segundo filho. Relatou que sempre fora um marido e pai muito presente no âmbito familiar e que nunca deixou faltar nada em casa, pois trabalhava todos os dias para que pudesse dar do bom e do melhor para sua filha e sua ex-exposa, que estava sempre participando da vida de Jocasta, levando-a para escolinha, ajudando com as atividades domésticas. Mas, com o passar do tempo, começaram a ter desentendimentos: Laio começou a fazer cobranças para que sua ex-mulher participasse mais das atividades das crianças e da casa, além de ajudar no sustento da família, pois não estava mais conseguindo dar conta de todas as despesas e sua companheira não aceitou as cobranças, resolvendo assim sair de casa, passando a residir nos fundos da casa de sua tia, deixando Jocasta e o irmão mais novo morando com a avó materna. Laio até hoje diz sentir falta da família: *“eu muitas vezes me pego chorando na varanda de casa, sinto muita falta deles”*. Ele ainda ressalta que o processo de separação para ele foi muito doloroso, mas que nunca deixou de entrar em contato com Jocasta e seu irmão mais novo e que até hoje a sua ex-mulher não participa muito da vida dos filhos, deixando a maior parte das responsabilidades para a avó materna.

Jocasta, 5 anos, estuda no 2º nível da escolinha de educação infantil, mora com a avó materna e tem um irmão mais novo. Relata que não sente tanto a separação dos pais, mas que gostaria que eles morassem juntos, e que apesar do divórcio, não deixou de ter uma relação próxima o pai, sendo que todos os finais de semana Jocasta e seu irmão vão para a casa do pai, onde brincam, fazem passeios e aproveitam para ficar juntos. Além

disso, ela explica que fica triste pela separação dos pais, mas que não deixa de conviver com os dois. Jocasta diz que seu pai Laio é muito brincalhão, e que procura estar sempre presente em suas atividades, levando-a para escolinha todos os dias pela manhã.

## CASO 2

Pai: Zeus; Filha: Atena

Zeus, 31 anos, cursa Agronomia e é técnico agrícola de uma empresa multinacional, trabalhando no setor de pesquisa. Mora com um colega de faculdade e está separado da mãe de Atena. Ficou na casa de seus pais até os 16 anos de idade, quando veio morar em Passo Fundo e, aos 20 anos, se casou com a mãe de Atena, ficando casados durante 5 anos. Segundo Zeus, ele e sua ex-mulher nunca tiveram uma relação muito boa e só resolveram casar porque ela engravidou de Atena. A diferença de idade dos dois era uma das coisas que faziam com que o relacionamento não desse certo, segundo ele. Durante a gravidez e enquanto Atena era pequena, eles mantiveram um pacto que iriam ficar juntos até Atena ficar maior para poder compreender o processo de separação dos pais. Assim que Atena completou cinco anos de idade, Zeus resolveu se separar de sua ex-mulher, mas sempre buscando manter o vínculo com Atena, para que ela não sofresse com o processo de separação. Zeus relatou: *"Nós nunca rompemos vínculos algum. Assim que resolvemos nos separar, alugamos um apartamento para mãe de Atena, eu dormia lá no apartamento dela, mas em quarto separados, e a mãe dela também ia dormir na minha casa; a gente buscou o tempo todo o bem estar de Atena"*. Segundo ele, Atena não sabe sequer quando a separação ocorreu efetivamente, devido à naturalidade do processo. Hoje, possui outra parceira em sua vida afetiva, que se relaciona muito bem com sua filha. Ele ainda ressaltou: *"Hoje eu sou muito mais feliz sem a mãe de Atena, do que quando eu estava casado com ela, a gente se dá melhor assim do que quando estávamos casados"*.

Atena, 9 anos, estuda no 4º ano do ensino fundamental e mora com a mãe. Relatou que Zeus e a sua mãe viviam brigando e que muitas vezes, para que as brigas fossem cessadas, ameaçava fugir de casa. Com o processo de separação, Atena relatou que sempre teve uma relação boa com o pai, mas que às vezes acontecem alguns

desentendimentos, pois ela queixa-se muito da falta de tempo e de atenção de Zeus. Ressaltou: *"Ele trabalha, estuda e quase nunca tem tempo para estar comigo"*. Ainda afirmou: *"eu já conversei com meu pai sobre essa falta de tempo e de atenção, mas ele me disse que precisa trabalhar para poder me dar as coisas, mas sempre quando pode ele faz mate doce, pipoca, brinca, vai ao cinema comigo, procurando participar das atividades diárias da minha vida e principalmente me ensinando a ser mais ligada nas coisas e ajeitada"*.

Em relação ao processo de separação dos pais, Atena diz: *"no primeiro dia que eu fui dormir com a minha mãe eu queria o meu pai e no dia em que eu fui dormir com o meu pai eu queria a minha mãe. Então, no começo não foi fácil, e até hoje eu choro às vezes se fico pensando sobre isso"*. Para Atena, o pai, sempre que possível, procura participar ativamente das programações da escola e de sua vida, buscando estar presente em todos os momentos: *"fico muito feliz quando posso estar com ele, quando ele me dá atenção e participa das minhas atividades, isso é o que mais me faz feliz. Ele também me liga todo dia"*. Entretanto, ainda hoje, Zeus e sua ex-companheira têm alguns desentendimentos, mas nada que afete a educação e criação de Atena, conforme afirmou: *"meus pais conseguem conversar tranquilamente quando tem que decidir alguma coisa ao meu respeito, embora as vezes há algumas discussões"*.

## CASO 3

Pai: Cronos; Filha: Hera

Cronos, 43 anos, ensino médio completo, proprietário de uma pequena empresa, mora com a atual esposa na capital do estado. Relatou que conheceu a ex-esposa na escola onde estudavam e começaram a namorar quando Cronos tinha 21 anos e ela 15 anos de idade. Logo em seguida ela engravidou da primeira filha e anos depois tiveram a segunda. Cronos relatou que sempre houve brigas durante o casamento e que trabalhava muito fora de casa, ausentando-se muito do ambiente familiar. Relatou que deixou as rédeas da casa com sua ex-mulher, que cuidava das filhas e do lar durante a semana. Com o desgaste da relação, o processo de separação foi inevitável e sua ex-companheira pediu o divórcio. Ele afirmou: *"havia muitas discussões e várias delas eram na frente de nossas filhas"*. Após o processo de separação, Cronos se afastou muito de suas filhas,

indo morar em outra cidade, deixando de ligar e de participar efetivamente da vida delas. E ele relata *"A menina era muito ligada comigo e após o processo de separação eu me afastei completamente dela; talvez, entre ela e sua irmã, a que mais sofreu com o processo de divórcio tenha sido ela"*. Posterior à separação, as brigas eram constantes e se arrastam até hoje, muitas delas por motivos relacionados a dinheiro. Cronos busca até hoje ter um relacionamento de pai e filha com Hera, mas tem pouco sucesso, pois há muita mágoa por parte de sua filha e Cronos se culpa por não ter ficado presente na vida afetiva de suas filhas. Mas, ele mesmo destaca: *"procuro hoje fazer o possível para estar presente e saber o que se passa com Hera e sua irmã, pois fiquei muito tempo longe e não tenho o carinho delas que eu desejava ter. Mas sei que boa parte disso é culpa minha"*. Cronos ainda relata que, por morar longe e ver Hera uma vez por ano, fica muito mais complicado reestabelecer vínculos afetivos com ela, porque o contato é por telefone e há muito pouco afeto.

Hera, 12 anos, estuda na 6ª série e mora com a mãe, a irmã mais velha (também filha de Cronos), o irmão mais novo (por parte da mãe) e o padrasto. Hera relatou que lembra muito pouco do casamento dos pais, mas que o que mais marcou foram as brigas constantes e a separação. Hera tinha uma relação de apego muito próxima com o pai e que após o processo de separação foi quebrada bruscamente, pois o pai saiu de casa sem dar explicação nenhuma, e pouco ligava ou a visitava: *"tudo isso foi muito doloroso, não entedia por que aquilo estava acontecendo, por que meu pai não estaria mais comigo todos os dias ali e a falta que ele fazia me desconsertava"*. Hera começou a sentir o reflexo da separação dos pais na escola, zerando provas, apresentando maus comportamentos – sua mãe era chamada quase toda semana na escola e assim por diante. Todo esse processo doloroso afastou completamente Hera de seu pai. Hoje em dia ela relata que tem uma relação superficial com seu pai e que sua relação com a mãe também é um pouco conturbada, pois existem algumas imposições de ordens que Hera tem dificuldade de aceitar. A relação de pai e filha pouco foi mudando com o passar do tempo. Hera não consegue ver o pai como amigo e confiante, muito menos reestabelecer os vínculos que foram quebrados de forma tão dramática para ela. Destacou ainda, que pelo pai morar longe, a afetividade fica muito mais complicada de ser reestabe-

lecida, pois vê Cronos uma vez por ano, quase não participando dos projetos da escola, das reuniões de pai e não exercendo seu papel de pai até hoje. Ela ainda relata *"há muita mágoa e muitas coisas que precisariam ser mudadas, algumas coisas não voltam mais a ser como eram, e mesmo eu estando maior, o contato não é frequente e quase somente por telefone"*.

## ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS CASOS

Os dados coletados a partir das entrevistas realizadas com pais e filhas mostram que a maioria dos processos de separação conjugal traz algum tipo de rompimento nos laços afetivos, proporcionando às filhas, algum sofrimento (Borges, 2005). Como podemos analisar no Caso 1 e no Caso 2, o processo de separação dos pais foi doloroso para as filhas envolvidas, mas houve uma preocupação por parte dos pais em não deixar que os vínculos afetivos fossem rompidos com as mesmas.

O processo de separação conjugal implica em diversas mudanças na rotina da criança e também na adaptação por parte dos pais para se organizarem mediante o novo estilo de vida. Podemos observar, através das entrevistas realizadas, que quanto mais cedo o processo de separação conjugal acontece, e quanto menos brigas e discussões existirem, mais fácil será para o pai conquistar um bom relacionamento e uma participação afetiva na vida de suas filhas.

No Caso 1, por exemplo, o casal separou-se amigavelmente, conseguindo manter um diálogo para que não houvesse quebra dos vínculos afetivos de Jocasta e Laio. Um bom vínculo afetivo (Gomes & Bosa, 2010) formado com o cuidador desenvolve aspectos mais saudáveis como autoconfiança e sociabilidade nas crianças, os quais quando não estabelecidos ou rompidos, prejudicam e causam insegurança para a vida afetiva e social.

Laio buscou sempre estar em contato com a filha, desenvolvendo um papel saudável da figura paterna, não desqualificando a figura materna e fortificando os vínculos afetivos com Jocasta, de maneira que, mesmo a filha não morando com Laio, ele procurava participar das atividades diárias, como levá-la à escolinha. Desta forma, através do contato afetivo e seguro, Jocasta consegue encontrar em seu pai uma figura de apego para explorar o mundo e as circunstâncias, pois é disso que a criança precisa para criar confiança, se-

gurança e ao mesmo tempo saber que possui suas bases seguras (Grossmann & Grossmann, 2011).

No Caso 2, há uma carência afetiva por parte da filha, que relata sentir falta do pai, mesmo estando com ele, afinal, seu pai trabalha, estuda e nos momentos em que deveria estar com ela, não tem muito tempo para se dedicar às questões que envolvem afetividade. Porém, vale ressaltar que o processo de separação do casal foi pensado para buscar evitar o rompimento do afeto e do vínculo que Atena tinha com o pai, além de fornecer à filha, ainda pequena, as figuras de cuidadores saudáveis para sua sobrevivência, conforme descrito na Teoria de Bowlby (1977). Isso pode ser notado claramente quando Zeus relata que, após a decisão pela separação, os pais se dispuseram a dormir na mesma casa, porém em quartos separados, para evitar o choque da saída repentina de umas das figuras dos cuidadores.

Outro ponto relevante no Caso 2 é a questão da afetividade do pai após o processo de separação. Atena reclama que ele trabalha muito e que lhe falta atenção. É necessário destacar que Atena tem nove anos e que apesar de ter tido bases sólidas no começo de sua formação tanto afetiva quanto social, é necessário que o pai continue dando suporte afetivo e sendo sua figura de apego para que Atena continue explorando a realidade externa, tendo bases sólidas e seguras, sabendo que a qualquer sinal de perigo pode recorrer a sua figura de apego (Bowlby, 1977), evitando futuramente que Atena se torne uma pessoa insegura, com dificuldades de sociabilidade e vulnerável ao ambiente (Barstad, 2013).

A separação conjugal é o rompimento da conjugalidade e não da parentalidade, portanto, a figura paterna e a função paterna devem ser mantidas de forma mais saudável possível. Para Benczink (2011), a interação entre os pais e suas filhas se torna um fator de extrema importância para o desenvolvimento cognitivo e social, ajudando a criança na capacidade de interação e principalmente na capacidade de aprendizagem. O pai se torna a base facilitadora da criança para realizar a transição entre o mundo da família para a sociedade (Benczink, 2011).

Ainda em relação ao Caso 2, Barstad (2013) cita elementos da Teoria de Bowlby (1977) para argumentar a importância da presença afetiva do pai no processo de desenvolvimento da criança. Salienta que quanto mais próxima à figura paterna estiver da criança maior será a possibilidade

da criança explorar o ambiente ao seu redor. Essa necessidade de exploração do ambiente é importante para o indivíduo construir suas percepções, criar segurança, saber distinguir quando se encontra em situação de perigo e manter a sua sobrevivência (Barstad, 2013). Percebe-se uma dificuldade nessa relação entre Zeus e Atena, havendo pouca interação com a filha. Ela mostra-se angustiada, uma vez que já buscou através do diálogo a proximidade da figura paterna.

Já o caso 3, diferentemente dos dois primeiros, onde havia uma preocupação dos pais em manter uma vincularidade afetiva com as filhas após o processo de separação conjugal, e uma qualidade afetiva dos vínculos, a situação foi totalmente traumática e os pais tiveram dificuldade nos cuidados com o rompimento dos vínculos. As bases sólidas de Hera e suas figuras de apego sofreram mudanças drásticas, deixando-a exposta ao ambiente e ativando o sistema comportamental do medo, como citado na Teoria de Bowlby (1977), que está interligado com a ansiedade de separação das figuras de apego.

Hera relata que era muito apegada ao pai e que tinha bom relacionamento com a figura paterna, enquanto os pais viviam juntos. Porém, após o processo de separação conjugal, o pai afastou-se e não buscou meios para manter os vínculos afetivos que foram estabelecidos no início da vida de Hera. Souza, Smeha e Arend (2012), baseando-se nas observações de Castro (1998), ressaltam que, quanto maior os desentendimentos gerados pelo processo de divórcio, quanto maior a mágoa e a raiva dos ex-cônjuges, maior a probabilidade dos pais projetarem na criança os sentimentos de insegurança e rejeição, muitas vezes para que possam, dessa forma, romper o vínculo conjugal.

Hera foi prejudicada pela separação dos pais, perdendo sua referência para a exploração do meio. Conforme a Teoria de Bowlby (1977) buscou na figura materna meios para sua sobrevivência mediante o processo de separação, uma vez que as figuras de apego são escolhidas pela criança conforme ordem de importância e necessidade.

O apego envolve todas as relações de experiências que a criança tem com a figura paterna (Bowlby, 1977), e por isso a importância da figura central de apego realizar o seu papel com extrema responsabilidade, fornecendo toda estrutura necessária para que a criança possa explorar o ambiente. A figura central de apego precisa, além de fornecer cuidados essenciais à criança, encorajá-la e moldar os seus comportamentos.



Os vínculos de Hera e Cronos até hoje continuam sofrendo alterações, uma vez que o pai busca aproximar-se de sua filha, mas por causa da distância e da falta de afeto, não consegue ser reconstituído da maneira que foram construídos. Barstad (2013) utiliza-se das ideias de Bowlby (1977) para salientar que, conforme o desenvolvimento da criança, o apego vai sofrendo mudanças e refletindo em outras áreas de sua vida, por exemplo, na adolescência, quando o processo de exploração não é mais voltado tanto para si e sim para o mundo, levando o adolescente a buscar outras figuras de apego, como amigos e namorados, desligando-se muitas vezes por completo da figura do pai.

Hera relata que a sua relação com a figura paterna hoje é uma relação superficial. Essa visão da relação que ela tem com o pai são reflexos da ausência da figura paterna e do rompimento dos vínculos (Bowlby, 1977). Segundo o autor, no processo de desenvolvimento, criamos a capacidade de avaliar a qualidade dos vínculos e cuidados que recebemos, e isso reflete na nossa habilidade de avaliar o futuro, que é chamado por Bowlby (1977) de modelo de funcionamento interno, o que faz com que possamos entender e compreender a diferença entre segurança e ansiedade.

O sofrimento de Hera é explicado através da separação da figura de apego (Barstad, 2013). Quando a criança se dá conta de que a figura do pai se torna inacessível, e que as tentativas para o acesso à figura responsiva falham, o sistema de apego da criança é imediatamente ativado, gerando medo, raiva e angústia. O medo vai sinalizar o sofrimento da criança e a raiva vem da frustração gerada pela dificuldade de acesso à figura de apego. Todos esses sentimentos de angústia dão lugar à tristeza. Como modo de defesa e tentativa de reduzir o seu sofrimento, a criança exclui por completo todos os sentimentos, memórias e pensamentos relativos à figura paterna, o que se caracteriza como desaparecimento defensivo (Bowlby, 1977).

Nos três casos descritos, podemos observar maneiras diferentes dos pais lidarem com o processo de separação. Os dois primeiros casos foram os que apresentaram uma forma menos sofrida para as filhas em relação ao processo de divórcio. Já no terceiro caso, houve dificuldade do pai em manter os vínculos afetivos com sua filha, gerando grande sofrimento para a criança. Em todos os casos, há ainda muito que se trabalhar com esses pais para mostrar a importância

do afeto e da manutenção saudável dos vínculos afetivos com suas filhas.

No Caso 1, a separação amigável dos pais foi um fator relevante para amenizar o sofrimento de Jocasta. O pai procurou, após a separação conjugal, manter-se presente na vida da filha. No Caso 2, a forma como os pais resolveram fazer o processo de separação, gerou menos sofrimento para Atena, porém a falta de tempo para estar com a filha? Após a separação conjugal a filha precisa não somente da presença do pai, mas sim de sua afetividade e disposição para fornecer bases sólidas ao seu desenvolvimento. No Caso 3, diferentemente dos outros dois descritos, não foi possível evitar o sofrimento da filha. Atualmente o pai procura reconstruir os vínculos, por meio de ligações telefônicas, participando de momentos importantes na vida afetiva e social da filha, porém o fator distância geográfica influencia muito na reconstituição dos vínculos.

O processo de separação não é fácil para os envolvidos, mas os pais podem estar presentes no processo de desenvolvimento de seus filhos, não deixando de participar da educação, de fornecer afeto e principalmente mostrar que estão disponíveis para ajudá-los a explorar o mundo. Todo o processo de separação é uma forma de luto vivenciada na conjugalidade, mas de maneira alguma deveria interferir na parentalidade.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa investigação sobre a vincularidade de pais e filhas, após o processo de separação conjugal, tem a intenção de produzir novas reflexões que proporcionem alternativas em torno do tema. Após a separação conjugal, há dificuldade dos pais se manterem presentes na vida afetiva de suas filhas. O afastamento dos vínculos acontece e produz grandes prejuízos na vida social e emocional da criança, principalmente no que se refere à capacidade de explorar, com segurança, o ambiente em que vive. A pesquisa também mostrou a importância do processo de separação amigável e planejada pelos pais, procurando sempre manter o bem estar dos filhos, não rompendo a vincularidade e o afeto estabelecido, buscando estar presente no dia a dia dos filhos e participando afetivamente da educação dos mesmos.

Com a transformação do papel do pai na educação das filhas, podemos observar que, em-

bora haja algumas dificuldades para os pais em manterem contato afetivo com as filhas, os homens estão se dando conta do quanto o papel de pai é importante para o desenvolvimento cognitivo e emocional, buscando estar próximos, auxiliando, educando e, mesmo quando há alguma dificuldade de vínculo, já se observa a preocupação da figura paterna em manter o afeto, o que se torna um avanço tanto nos aspectos sociais, quanto na própria figura paterna.

O processo de vincularidade e apego entre pais e filhas após a separação é importante uma vez que a criança precisa de um cuidador gerador de afeto, que sirva como pilar para a exploração do mundo, não deixando de moldar seu comportamento, ensinando e protegendo a criança da vulnerabilidade do ambiente, educando-a, proporcionando uma relação afetiva com o outro, o que permite sermos geradores de afeto.

## REFERÊNCIAS

- Ainsworth, M., Bowlby, J. (1991). An ethological approach on personality disorder. *American Psychologist*. *The American Psychological Association*, 46(4), 333-341.
- Barstad, M. G. (2013). *Do berço ao túmulo: a teoria do apego de John Bowlby e os estudos de apego em adulto*. Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC RJ), Rio de Janeiro, RJ, Brasil.
- Benczik, E. B. P. (2011). A importância da figura paterna para o desenvolvimento infantil. *Revista de Psicopedagogia*, 28(85), 67-75.
- Borges, M. L. S. F. (2005). *Função Materna e Função Paterna, suas vivências na atualidade*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, Minas Gerais, Brasil.
- Bowlby, J. (1977). The making and breaking of affectional bonds: Aetiology and psychopathology on the light of attachment theory. *British Journal of Psychiatry*, 130, 201-210.
- Cano, D., Gabarra, L. M. et al. (2009). As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro. *Psicologia: reflexão e crítica*, 22(2), 214-222.
- Castro, I. P. (1998). A Relação dos filhos menores com os pais após a ruptura da tradicional da convivência familiar: uma ótica sociojurídica. In P. Silveira. *Exercício da paternidade*. Porto Alegre: Artes Médicas (pp. 217-223).
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1977. (1977). Brasília. Recuperado em 17 de agosto, 2013, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l6515.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6515.htm).
- Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. (1988). Brasília. Recuperado em 17 de agosto, 2013, de [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm).
- Dalbem, J. X.; Dell'Aglio, D. D. (2005). Teoria do Apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arquivos brasileiros de psicologia*, 57(1).
- Dantas, C., Jablonski, B.; Féres-Carneiro, T. (2004). Paternidade: considerações sobre a relação pais-filhos após separação conjugal. *Paidéia*, (14)29, 347-357.
- Gomes, V. F., Bosa, C. A. (2010). *Representação Mentais de apego e percepção de práticas parentais por jovens adultos*. Universidade Federal do Rio grande do Sul.
- Grossmann, K., Grossmann K.E. (2011). *Enciclopédia sobre o desenvolvimento na primeira infância: O impacto do apego à mãe e ao pai e do apoio sensível à exploração nos primeiros anos de vida sobre o desenvolvimento psicossocial das crianças até o início da vida adulta*. University of Regensburg, Alemanha.
- Hetherington, A.M. (1991). The role of individual differences and family relationships in children's coping with divorce and remarriage. In P.A. Cowan & Hetherington (Eds.) *Family transitions*, 165-194.
- Ramires, V. R. R. & Schneider, M. S. (2010). Revisando alguns Conceitos da Teoria do Apego: Comportamento versus Representação? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, (26)1, 25-33.
- Ramires, V. R. R. (2004). As transições familiares: perspectiva de crianças e pré-adolescentes. *Psicologia em estudo* (9)2, 183-193.
- Ramires, V. R. R., & Falcke, D. (2013). *Vínculos Familiares e Comunitários: apontamentos para a proteção dos direitos de crianças e adolescentes*. São Leopoldo, Rio Grande do Sul, Brasil.
- Ribas, A. F. P., Moura, M. L. S. (2004). Responsividade materna e teoria do apego: uma discussão crítica do papel de estudos transculturais. *Psicologia: reflexão e crítica* (17)3, 315-322.
- Sales, L. M. M. (2003). A família e os conflitos familiares – a mediação como alternativa. *Pensar Revista de Ciências Jurídicas de Curso de Direito de Fortaleza*, (8)1.
- Santos, J. B., Santos, M. S. C. (2008/2009). Família monoparental brasileira. *Revista Jurídica*, (10)92.

Souza, K. S. M., Smeha, L. N., Arend, J. C. (2012). A relação entre pais e filho(s) após a separação conjugal. *Revista do Departamento de Ciências Humanas e do Departamento de Psicologia (UNISC)*, (38), 7-29.

Witzel, A. C. P. (2013). *Análise da Família Monoparental como entidade famílias após o advento da Constituição Federal de 1988*. Recuperado em 19 de agosto, 2013, de <http://jus.com.br/artigos/23739/analise-da-familia-monoparental-como-entidade-familiar-apos-o-advento-da-constituicao-federal-de-1988>.

Yin, R.K. (2005). *Estudo de caso: planejamento e métodos* (3ª ed). Porto Alegre: Bookman.

## *The Links Between Fathers and Daughters after Marital Separation*

### **ABSTRACT**

The present work describes the family history between fathers and daughters in relation to the bonds after marital separation. The separation process is difficult for all parties involved step, and not always the parents maintain a healthy and fit living in the education of their daughters. Leaving addition, the research aims to identify, through family history, relationships that contribute to maintaining healthy emotional bonds between fathers and daughters. This is a qualitative exploratory research strategy that uses the case study to analyze the vincularidade between fathers and daughters after the process of marital separation. The literature indicates a paucity of studies that deal with the theme and point intervention alternatives with regard to maintaining healthy ties after divorce.

**Keywords:** Links, Marital separation, Parents and Children.

Recebido em: 01/08/2014

Avaliado em: 15/08/2014

Correções em: 20/08/2014

Aprovado em: 08/09/2014

Editor: Vinícius Renato Thomé Ferreira